

Estas linhas formam, como se disse, a primeira referência temporal de que temos notícia no concernente à cerâmica de Melides. A simplicidade da informação justifica-se pelo facto acima apontado: tendo a louça sido revendida pelo preço de aquisição, o tesoureiro da Santa Casa não se preocupou com a anotação de mais elementos, além do sítio de proveniência e do valor da deslocação.

Apesar da documentação da Misericórdia nada adiantar a propósito das quantidades de louça compradas em cada ano pela Irmandade para os festejos do Espírito Santo, é de admitir a hipótese de que estas fossem, em grande parte, oriundas de Melides, povoado que funcionou como um importante núcleo abastecedor de tal produto, designadamente para quase todo a área compreendida na comarca de Campo de Ourique. Importa salientar, por outro lado, que, a ajuizar pelos testemunhos mais tardios de Bernardo Falcão <sup>(6)</sup> e António de Macedo e Silva <sup>(7)</sup>, as obras saídas deste centro oleiro caracterizavam-se por serem, nos períodos em que eles escreveram, de qualidade grosseira, sem que disponhamos por enquanto de esclarecimentos precisos que possamos adiantar sobre as suas particularidades.

#### JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

Sócio Efectivo da Sociedade Portuguesa  
de Antropologia e Etnologia

Real Sociedade Arqueológica Lusitana  
7540 Santiago do Cacém

---

### O Cante Alentejano

Há, no Baixo-Alentejo, um cante tradicional e específico daquela região, que se chama cante alentejano.

#### O que é o cante alentejano?

O cante alentejano é uma polifonia simples, a duas vozes paralelas, à terceira superior. Como polifonia, situamo-la na época em que esta tinha o principal lugar na música, toda ela vocal, a que se deu o nome de *Milénio vocal*, uma polifonia sem instrumentos.

O cante alentejano é composto de modas, nas quais sobressaem, em algumas delas, dois sistemas musicais, inteiramente distintos: o sistema modal, em uso durante toda a Idade Média, e o sistema tonal, já fruto do Renascimento. O sistema modal grego, adaptado e modificado por S. Gregório, era composto dos modos Dórico, Frígio, Lídio, Mixolídio e Eólio. Os modos gregos tinham também sete notas, cujos tons variavam na escala, ao contrário das nossas escalas, cujas melodias giram em volta da tónica ou da superdominante, segundo o tom é maior ou menor.

---

<sup>(6)</sup> V. n. (2).

<sup>(7)</sup> V. n. (3).

Os vestígios dos modos que nos aparecem nalgumas modas alentejanas são do Mixolídio, nas modas *Meu Lírio Roxo*, *Água leva o Regador*, *Tiroliro*, etc.; do Lídio, na moda sarapateado de *Saúdo Aleixo da Restauração* e na moda *Ó, abre-me a porta*. Estes restos do sistema modal encontram-se, especialmente, nas frases finais das modas alentejanas.

As principais características das modas alentejanas são as seguintes:

- a) serem todas em tons maiores;
- b) terem, algumas, o soluço eclesiástico, ou pausa para respirar;
- c) terem, algumas, o acorde de trítone, que Arnold Schomberg banuiu da harmonia, ao inventar a dodecafonía seriada;
- d) não existirem modulações;
- e) principiarem, muitas delas, pelo acorde de subdominante;
- g) serem uma polifonia a duas vozes paralelas, à terceira superior.

#### Como se canta o cante alentejano?

Os cantadores, geralmente homens do campo, cantam em grupo, divididas as vozes em três naipes: o Ponto, o Alto e as segundas vozes. A função do Ponto é iniciar a moda, retomada depois pelo Alto, e em seguida pelas segundas vozes, constituindo assim o câoro. É função específica do Alto preencher as pausas com os «vaías», no fim das frases musicais, excepto na última — assim uma espécie de ponto na primeira voz.

Podemos dividir o cante alentejano em três partes ou tipos de música:

As modas lentas, as modas coreográficas e os cânticos religiosos.

#### O que canta o cante alentejano?

As modas alentejanas cantam-nos o Alentejo, com todas as suas belezas e a vida dos alentejanos. Há modas para todas as épocas do ano. A sementeira, com a moda da lavoura que tem o seguinte verso:

*Já morreu o boi capote  
Camarada do pombinho  
Quem não for capaz que não bote  
Regos ao pé do caminho*

A moda do *Manjarico folha recortada*, da ceifeira, da apanha dos legumes, do casamento, com a seguinte letra

*Marianita és baixinha  
Ai, roja a saia pela lama  
Ai, tenho to dito mil vezes  
Ai, levanta a saia Mariana*

a das sortes, que diz assim:

*Senhora do livramento  
Livrai o meu namorado  
Para que ele seja livre  
Ó meu Jesus  
Ó meu Jesus  
Dessa vida de soldado  
Dessa vida de soldado*

da vida militar, que diz assim:

*Lá vai o comboio, lá vai  
Lá vai ele a assobiar  
Lá vai o meu lindo amor  
Para a vida militar*

O cante alentejano tem o sentido do amor, da saudade e da tristeza, embora associado a outros temas. Das 206 modas do *Cancioneiro Alentejano*, 114, isto é, 55 %, falam-nos do amor. Por exemplo, as modas *Lindo Amor*, *Ao romper da bela aurora*, *Ribeira vai cheia*, etc. Das restantes 92, (44, 6 %) cantam a saudade, por exemplo, *Ó meu Baleizão*, *As cobrinhas de água*, *Já morreu quem me levava*, etc. Há 16 modas que cantam a morte (7,75 %): *Lindo Amor*, *Solidão*, etc. As que cantam a tristeza, são 17 (8,25 %), por exemplo, *Anda cá senta-te aqui*, *Ó Maria Rita*, *Suspiros ais e tormentos*, etc.

#### Donde vem o cante alentejano?

A hipótese mais significativa é a que nos aponta a vila de Serpa como terra onde se organizou o cante alentejano. As escolas de polifonia clássica do século XV, em Évora, foram frequentados por alguns frades da Serra de Ossa. Alguns destes frades foram mandados para Serpa onde fundaram o convento dos paulistas e «escolas de canta popular». Deve ter sido dessas escolas que saiu o cante alentejano; somos levados a crer que os autores das modas alentejanas tenham sido pessoas de conhecimentos musicais suficientes para as inventar. Estas escolas de canto popular, fundadas pelos frades paulistas da Serra de Ossa, teriam a sua origem aí pelos fins do século XV, na transição do *Milénio Vocal* para o Renascimento.

Assim definido, o cante alentejano representa a cultura popular tradicional do povo do Baixo-Alentejo, de um valor extraordinário, com a sua identidade própria, as suas características específicas e a sua peculiar interpretação. Esta cultura mergulha as suas raízes no sistema musical medievo, numa perfeita simbiose de modos e de tons, fruto da evolução da música no período renascentista. Esta cultura traduz ainda a perfeita imagem do povo alentejano, no seu quotidiano, durante séculos, e que se mantém viva, em toda a sua beleza sentimental e nostálgica, que embalou a sua gente, a fez trabalhar, cantar, chorar, sofrer, rezar e morrer, numa epopeia bem digna da pena de um novo, ainda que rústico, épico.

### Conclusões

1. O cante alentejano é um cante tradicional, herdado dos nossos antepassados, e representa uma cultura de grande e inestimável valor, pela forma como nos é apresentado: uma polifonia especial, que incorpora algumas formas modais, em uso na Idade Média, introduzidas no sistema tonal, que teve origem no Renascimento.
2. O cante alentejano, devido à sua forma típica de ser cantado, exige o conhecimento dessas mesmas formas, por isso necessita ser ensinado e aprendido, para se evitarem adulterações e conservá-lo na sua pureza específica.
4. Para dignificar o cante alentejano seria útil e bom que se abrissem escolas desse mesmo cante, como aquelas que lhe deram origem na vila de Serpa.
5. Que no Centro de Cultura de Beja seja criada uma Comissão, responsável pela defesa e conservação da integridade do cante alentejano e da sua divulgação.
6. Que essa Comissão proceda à recolha dos três tipos de música alentejana (a lenta, a coreográfica e a religiosa) em discos ou em fitas gravadas e seja conservada em arquivo próprio.

ANTÓNIO MARVÃO

Sócio Efectivo da Sociedade Portuguesa  
de Antropologia e Etnologia

---

### Em Torno das Implicações do Conceito de Cultura em Arqueologia

Quem folheie um livro de síntese sobre Pré-história, rapidamente se verá confrontado com dezenas, se não centenas, de designações de «culturas», entidades com expressão espacio-temporal, que normalmente vão buscar o seu nome a um tipo de cerâmica ou de outro testemunho, ao local de uma estação arqueológica característica, ou mesmo ao da região em que pretensamente ocorrem. «Cultura do vaso campaniforme», «cultura de Almeria», «cultura castreja», «cultura de Wessex»... são alguns exemplos escolhidos ao acaso. Essas entidades seriam assim, relativamente às épocas anteriores à «história escrita», como que o equivalente dos «povos» históricos, os elementos do complexo xadrês constituído pela experiência humana durante o período que antecedeu a «Civilização». Para o leitor comum, ou mesmo para um homem culto com formação histórica, a leitura daquelas obras torna-se, com frequência, enfadonha. É que a maior parte das ditas «culturas», e suas fases internas, são tradicionalmente caracterizadas por conjuntos de artefactos considerados «típicos», ou seja, verdadeiros «tipos fósseis» de cada uma das entidades referidas. E é indubitável que a cerâmica, devido às variantes múltiplas que permite (no aspecto técnico, formal, e decorativo), foi sempre o tipo de testemunho eleito pelos arqueólogos para estabelecerem as suas diferenciações histórico-culturais. Consultemos, por ex., um livro sobre o Neolítico europeu, ou seja a época em que a economia de produção, baseada na agricultura e na pastorícia, se generaliza no nosso continente. Lá encontraremos, entre muitas outras, a «cultura» balcânica de Starčevo, tradicionalmente subdividida em quatro fases de acordo com os tipos de vasos que nelas ocorreriam. E, apesar de